



Universidade Federal
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**O USO DA LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA: POSSÍVEIS TRILHAS COM
O ROMANCE O MULATO, ALUÍSIO AZEVEDO.**

VANESSA PEREIRA DE MOURA

CAJAZEIRAS – PB

2019

VANESSA PEREIRA DE MOURA

**O USO DA LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA: POSSÍVEIS TRILHAS COM
O ROMANCE O MULATO, ALUÍSIO AZEVEDO.**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1069
Cajazeiras - Paraíba

M929u Moura, Vanessa Pereira de.
O uso da literatura no ensino de história: possíveis trilhas com o romance o Mulato, Aluísio Azevedo / Vanessa Pereira de Moura. - Cajazeiras, 2019.
44f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa.
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2019.

1. História- ensino. 2.Literatura. 3. Análise literária. 4. O mulato. I. Sousa, Israel Soares de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

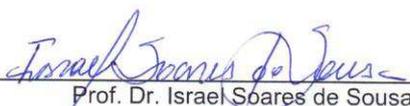
CDU – 82.09

VANESSA PEREIRA DE MOURA

O USO DA LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA: POSSÍVEIS TRILHAS COM
O ROMANCE O MULATO, ALUÍSIO AZEVEDO.

Aprovada em: 08 de Julho de 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
Orientador



Prof. Dr. Laércio Teodoro da Silva
Titular



Prof^a. Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino
Titular

Prof^a. Dra. Silvana Vieira de Sousa
Suplente

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a possibilidade de diálogos entre a História e a Literatura como recurso pedagógico no Ensino de História, especificamente a partir da obra *O Mulato* de Aluísio Azevedo. Compreende-se que a aproximação da História e Literatura em sala de aula, entre outras questões, está diretamente ligada à preocupação com a construção de um conhecimento histórico significativo e de qualidade. Assim sendo, considera-se importante discutir a utilização da literatura como fonte histórica em sala de aula, ampliando o conceito de fonte histórica e de linguagem pedagógica, estimulando a diversificação do trabalho do docente. No nosso caso específico, analisa-se o romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, como possibilidade para discutir em sala de aula as relações raciais em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX. Além de trabalharmos com o romance *O Mulato*, recorreremos também a referenciais da História Cultural enquanto tendência historiográfica para orientar as reflexões propostas e apresentadas, utilizando perspectivas de autores como CHARTIER (1990), RUIZ (2007), SILVA (1999) entre outros.

Palavras- Chave: Literatura. História. *O Mulato*. Aluísio Azevedo.

ABSTRACT

This work aims to analyze the possibility of dialogues between History and Literature as a pedagogical resource in Teaching History, specifically from the work *The Mulatto* by Aluísio Azevedo. It is understood that the approximation of History and Literature in the classroom, among other issues, is directly related to the concern with the construction of a significant historical knowledge and quality. Thus, it is considered important to discuss the use of literature as a historical source in the classroom, expanding the concept of historical source and pedagogical language, stimulating the diversification of the work of the teacher. In our specific case, we analyze the novel *O Mulatto*, by Aluísio Azevedo, as a possibility to discuss racial relations in County Galway in the second half of the 19th century. In addition to working with the novel *O Mulatto*, we also used *Areferential of Cultural History* as a historiographical tendency to guide the proposed and presented reflections, using authors' perspectives such as CHARTIER (1990), RUIZ (2007), SILVA (1999) and others.

Keywords:Literature. Story. *The Mulatto*. Aluísio Azevedo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I HISTÓRIA E LITERATURA.....	14
1.1.Relações Historiográficas: A Literatura na História.....	14
1.2.A literatura entre fonte e testemunho histórico.....	16
CAPÍTULO II A LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	22
2.1.Ensino de História e outras linguagens: O caso da Literatura.....	22
2.2. Literatura como recurso didático.....	27
CAPÍTULO III O MULATO, Aluísio Azevedo.....	31
3.1.O sentido histórico em Aluísio Azevedo.	31
3.2. O Mulato nas aulas de História: Nuances da questão racial no Brasil do século XIX.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Aluísio Azevedo.....29

Imagem 02: Foto da capa do livro O Mulato.....30

Aos meus pais:

José Nunes de Moura e

Iracema Pereira Nunes

por terem acreditado em mim e por todo o apoio,

Aos meus irmãos: Veralucia, Sabino,

Valdelucia (in memoriam), Cícero, Vildomar e Valéria.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

É chegado ao fim de um ciclo de muitas risadas, choros, frustrações e felicidades. Sendo assim, agradeço a todos que fizeram parte desta etapa na minha vida.

A Deus, fonte de toda sabedoria. Ao meu pai José Moura, que abdicou de seus momentos de sono para ir ao meu encontro no ônibus, e assim não me deixando sozinha a caminho de casa após a aula. A minha mãe Iracema por ser exemplo de força, determinação e honestidade, vocês são motivo pelo qual nunca desisti e cheguei até aqui, me ensinaram e ensinam as lições mais importantes que a academia não ensina. Aos meus irmãos: Veralucia, Sabino, Valdelucia (in memoriam), Cícero, Vildomar, Valéria e aos demais familiares e amigos que me motivaram e incentivaram nos momentos de crises.

Aos meus colegas de curso, Auziélia, Aucilon, Alexsandro, Binijhonson, Cícera, Francisco Andrade, Fernanda Heloísa, José Claudivan, Lucas Rosa, Naiara, Naiane, Natália Melo, obrigada pelas experiências, as risadas, tristezas e todo conhecimento partilhado, com vocês esse trajeto foi mais leve, que possamos permanecer na amizade para além dos muros da universidade.

Agradeço aos meus professores por cada momento de aprendizagem, a vocês todo o meu respeito e admiração.

Ao meu professor e orientador Israel Sousa, pela paciência e dedicação nas contribuições para a realização deste trabalho.

Aos funcionários dessa instituição e a todos que direta e indiretamente contribuíram para que esse momento fosse possível.

Gratidão!

INTRODUÇÃO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é discutir a questão do preconceito racial na obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, a partir disso será contemplado as possibilidades de diálogos entre a História e a Literatura na escola, especificamente a partir da obra em questão. A intenção é discutir a importância da literatura como fonte histórica em sala de aula e problematizar a relevância da abordagem histórica do texto literário nas aulas de História. Nossa intenção é de pensar a ampliação do conceito de fonte histórica e de linguagem pedagógica, estimulando a dinamização do processo de ensino de aprendizagem nas aulas de História.

O ensino de História tem se apresentado como um campo diverso e em constante transformação, passando por metamorfoses, de caráter teórico, metodológico e conceitual. Assim, suas demandas são respostas a cada período e tempo social, desse modo tal ensino possui historicidade, uma vez que em cada contexto se reelabora segundo os interesses políticos, econômicos, sociais e culturais dos grupos em disputa. Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que o conhecimento histórico e o ensino de História transmutaram ao longo dos tempos e estão, quase sempre, condicionados ou vinculados a uma concepção ou corrente historiográfica.

Atualmente, na chamada sociedade da informação e comunicação, se verifica a complexidade da sociedade e seus processos de relacionamento, da escola e do público escolar. Nesse contexto, para atender a tais demandas, aos poucos a disciplina de História foi se modificando e se transformando de acordo com as demandas; em uma destas transformações, a disciplina se aproximou de outros campos de estudo, com intuito de responder a questionamentos, novas necessidades e possibilidades, entre eles a literatura.

Podemos afirmar que a aproximação da História e Literatura em sala de aula, entre outras questões, está diretamente ligada à preocupação com a construção de um conhecimento histórico significativo e de qualidade, sabendo que “o processo de conhecimento é a grande aventura e o grande desafio que o educador enfrenta quando prepara as suas aulas e quando as desenvolve com os seus alunos” (RUIZ, 2007, p.75).

Para essa aventura, vem sendo incorporados novos recursos, linguagens e métodos para estudar História, que estão articulados e ligados à forma como se entende o que ensinar e aprender em História.

Compreendemos que estudar história faz parte da busca constante de compreensão do mundo e das realidades. Nesse sentido, a literatura é uma aliada imprescindível para estudar história, uma vez que “cabe a literatura tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”. (COSSON, 2006, p. 17). Partindo dessa afirmação, cabe destacar que História e Literatura juntas nas salas de aula são capazes criar e recriar sentidos históricos e sociais, buscando a construção de um conhecimento histórico por meio da problematização do vivido e da busca de elementos explicativos desse vivido no passado.

Diante dessa possibilidade interdisciplinar de aproximação das fronteiras da História e da Literatura, o objetivo deste trabalho é de analisar o trato da questão racial no romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo tomando-o como potencial recurso didático pedagógico para discutir em sala de aula as relações raciais em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX. A utilização de um romance específico se caracteriza como um estudo de caso, mas que não impossibilita a investigação e usos de outras obras para potencializar o entendimento de aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais da história nos mais variados tempos.

Maranhense, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo foi um conhecido e relevante escritor brasileiro. Suas obras são carregadas de sentidos políticos, históricos, sociais e culturais. Nesta pesquisa o foco será o segundo dos seus romances publicados no Brasil intitulado, *O Mulato*.

Este romance se ocupa em narrar a história de um fictício mulato alforriado, chamado Dr. Raimundo. Sua trajetória é marcada por uma série de enfrentamentos sociais, políticos e culturais comuns no Brasil nas vésperas da abolição da escravidão. O protagonista do livro em questão é filho de um tratadista de escravos que teve um romance com uma de suas escravas. Por tudo isso, nessa escrita, o autor Aluísio Azevedo traça e apresenta “um quadro da sociedade maranhense das últimas décadas da escravidão, desnudando os vícios torpes escondidos pelas batinas e a perenidade de valores ligados à pureza de sangue, enfim, todo um orbe de costumes e tradições provincianas” (PRECIOSO, 2011,p.05).

Publicado no ano de 1881, *O mulato* é enquadrado no conjunto de obras naturalistas, ou seja, pertencente a tendência literária denominada Naturalismo. Tal característica justifica ainda mais a relevância da escolha desta obra para análise, uma vez que sendo naturalista a escrita “em todo e qualquer âmbito, deveria apoiar-se num discurso de verdade para ser aceita e legitimada socialmente, inclusive no meio literário”. (DINIZ, 2008, p.37). Tal indício aproxima ainda mais esse discurso literário do discurso historiográfico e da produção do conhecimento histórico, mesmo que em outras tendências literárias também seja possível a relação com a História.

Sabe-se que “a busca do sentido histórico das transformações ocorridas na sociedade brasileira em romances consagrados de nossa literatura não é recente” (PRECIOSO, 2011, p.2). Considerando tal afirmação a presente pesquisa se justifica pela sua relevância acadêmica e social. A existência de uma vasta bibliografia atesta a relevância de um debate rico e vivo sobre Ensino de História e Literatura. Tal discussão também é importante no meio social, pois discutir ensino de História torna-se cada vez mais necessário, principalmente no contexto atual, onde muitos olhares se voltam para o papel da História nos currículos escolares e sua capacidade de formação e despertar crítico e intelectual, sendo assim este trabalho é mais uma janela de discussão e uma oportunidade de contribuição até mesmo para o surgimento de novos questionamentos dentro da temática.

Tomando o romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo como fonte histórica também nos utilizamos de referenciais da História Cultural enquanto tendência historiográfica para orientar as reflexões propostas e apresentadas, pelo fato de que “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social e construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p.16-17).

A pesquisa está organizada em três capítulos, a saber: O Capítulo I intitulado História e Literatura traz uma discussão historiográfica sobre as aproximações entre a História e a Literatura e suas respectivas influências, tomando a literatura enquanto fonte histórica, será problematizando como e até que ponto pode ser considerada um testemunho histórico.

No capítulo II nomeado de A Literatura no Ensino de História, discutimos as contribuições da literatura para o ensino de História, tomando-a como recurso didático, capaz de propiciar aprendizagens significativas. Nesse sentido, serão

problematizadas as possibilidades de abordagem histórica do texto literário nas aulas de História.

Por fim, no capítulo III, *O Mulato*, Aluísio Azevedo, apresentamos o romance *O Mulato* enquanto fonte Histórica e recurso didático, destacando-o como aporte para apresentar em sala de aula algumas nuances da questão racial na década de 1880, no Brasil. Será analisado como e até que ponto *O Mulato* serve de referência para estudar as questões raciais.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA E LITERATURA

1.1. Relações Historiográficas: A Literatura na História

As relações estabelecidas entre História e Literatura no campo historiográfico se constituem em uma aproximação relativamente recente. Durante muito tempo, a História se manteve um pouco isolada de outras áreas do conhecimento. Com o surgimento da Nova História, percebemos uma abertura em termos teóricos e metodológicos que conseqüentemente promoveu uma aproximação da história com outras áreas, entre elas a literatura.

A relação da História com a literatura é uma demanda do tempo atual, do contexto historiográfico hodierno, para muitos estudiosos esse contexto é denominado de pós-modernidade. Considerando essa compreensão, verifica-se que no pós-modernismo encontraram-se condições favoráveis para se pensar e praticar uma nova forma de produzir conhecimento, pautado em uma atenção maior às subjetividades humanas, emoções e sentidos. Nesse sentido, é importante esclarecer que, o pós-modernismo não é um conceito aceito por muitos estudiosos da sociedade.

Para os que defendem o conceito, entendem que a modernidade colocou em suspeição os principais pilares que a sustentava. Entretanto, “O pós-modernismo não se limita a atacar os fundamentos do pensamento moderno” (SILVA, 1999, p.114). Caracteriza-se, entre outras coisas pelo reconhecimento da impossibilidade de pretensão de verdades e pela exaltação da diferença e das discontinuidades. Nesse sentido é pertinente a colocação de Pesavento:

Chamemos nosso tempo pela já desgastada fórmula da “crise dos paradigmas”, que questionou as verdades e os modelos explicativos do real, ou entendamos nosso mundo pelo recente enfoque da globalização, dotado hoje de forte apelo, o que parece evidente é que nos situamos no meio de uma complexificação e estilhaçamento da realidade, onde é preciso encontrar novas formas de acesso para compreendê-la. A rigor, cada geração se coloca problemas e ensaia respostas para respondê-los, valendo-se para isso de um arsenal de conceitos que se renova no tempo. (PESAVENTO, 2006, p.07).

Apropriando-se de tal discussão, percebemos que no contexto social, acadêmico e intelectual está em voga a compreensão de que nada é imutável ou fixo conseqüentemente nenhuma percepção é única. “O pós-modernismo assinala uma mudança em direção a um conjunto de condições sociais que estão reconstituindo os mapas social, cultural e geográfico do mundo (...)” (GIROUX Apud MOREIRA, 1997, p.15). Os pós-modernos invalidam as metanarrativas e reconhecem que todo discurso é perpassado por relações de poder.

A pós-modernidade imprime uma nova sensibilidade na forma de pensar, sentir e pesquisar as relações humanas,

assim, este modo de pensar revaloriza as ações humanas, tão esquecidas nas análises estruturais, trabalhando tanto com as individualidades quanto com os aspectos universais ou totalizadores. A pós-modernidade, volta-se, portanto, para o ser humano e para os estudos humanísticos, tentando captar a multiplicidade da existência humana (ZECHLINSKI , 2003, p.04)

Assim sendo, Zechlinski pode nos levar a pensar que, se na modernidade optava-se pelas generalidades, no espaço pós-moderno prima-se pelas subjetividades. O pós-modernismo imprime uma verdadeira reconfiguração nas práticas e representações da sociedade. Não só o mundo mudou, mas os sujeitos também mudaram as necessidades e as buscas de cada indivíduo também.

É nesse contexto que a literatura ganha espaço no campo historiográfico e é reconhecida como detentora de um vasto potencial de possibilidades de análise e reflexão, pois dá condições para se descortinar um universo de significações e subjetividades sociais, culturais e políticas, colocando o historiador em contato com emoções, tramas, sentimentos, interesses, escolhas de épocas históricas diferentes.

O prestígio que a literatura possui dentro da historiografia se relaciona ao fato de que

a literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua “Poética”, ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos. Mas o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado — logo, tomando o não-acontecido para recuperar o que aconteceu! — como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história

como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção! (PESAVENTO, 2006, p.03)

Assim sendo, em termos metodológicos e discursivos o texto literário é uma valiosa ferramenta de análise para o historiador, mesmo não trabalhando com a veracidade absoluta dos fatos a literatura é um ponto de contato com concepções, interpretações, mentalidades, emoções, desejos e repulsas de um tempo e de uma época na história, podendo assim responder a muitas questões colocadas pelo historiador.

Sabemos que a disciplina de história exerce um importante papel na formação da cidadania dos alunos, haja vista sua percepção crítica do mundo e dos fatos que permearam nosso percurso histórico. Assim, aliada à literatura, a História tem um compromisso grande em oferecer novas formas de pensar um determinado assunto e despertar nos alunos o espírito reflexivo e questionador.

1.2. A literatura entre fonte e testemunho histórico

Sabemos que enquanto pretensa ciência, a História se faz a custas de fontes, sendo impossível fazer História se eximindo do contato com as fontes históricas. Temos consciência de que não existe História sem análise de fontes que se comportem como testemunhos de uma sociedade e de um tempo. Estas são peças fundamentais, mas não suficientes para a produção historiográfica.

A partir do surgimento e hegemonia da História dos *Annales*, percebe-se uma abertura na compreensão sobre fonte histórica. Essa abertura de entendimento de fonte histórica veio acompanhada do alargamento dos objetos de estudo, pois “a terceira fase dos *Annales* abre-se a uma ampla diversificação de objetos e dimensões de estudo(...). A ampliação de campos históricos já não tem limites. Há uma história para tudo o que é humano”(...) (BARROS, 2010, p.21). Assim sendo, tudo que é humano, produto social e cultural passa a ser válido para a História. Fonte histórica passa a ser qualquer indício humano, capaz de responder os questionamentos do historiador.

A partir dos *Analles* passou-se a admitir “como fonte histórica não apenas aquelas que possuem um suporte, mas também as mensagens, conjuntos

integrados de práticas e representações, verbalizações e não-verbalizações que circulam livremente, sem uma matéria na qual se fixam e que as imobilizam. (COSTA e BARROS, 2012, p.145). Tudo que possui significado humano passa a ser aliado do historiador em suas análises.

A produção literária recebe um tratamento especial com os historiadores do *Annales*, uma vez que a literatura “representa na Escola dos Annales um documento histórico de grande relevância, uma vez que podemos usá-la também como uma construção de uma narrativa histórica, reconhecendo seu caráter representativo. (SOARES, 2011, p .796). Tal escola histórica, acentua o caráter cultural e representativo da literatura, colocando-a no centro de muitas pesquisas importantes.

Nesse cenário, a literatura se destaca enquanto promissora possibilidade de fonte histórica, já que toda produção literária é fruto de um tempo, de um contexto e de uma perspectiva social de um autor. Por tudo isso, a literatura tem muito a dizer aos historiadores que se propõem analisá-las.

Para pensar as relações entre História e Literatura, é interessante antes refletir sobre o sentido de Literatura. Muitos autores vêm discutindo ao longo da história o verdadeiro conceito da palavra literatura. Em seu livro, *Direito a Literatura*, o escritor Antônio Candido (1995, p.20) destaca: “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de escrita das civilizações”. Assim sendo, literatura é a arte de escrever, de criar, de contar e recontar logo qualquer trabalho que envolva tais elementos faz parte da mesma.

A literatura é uma arte, a arte de criar, de produzir o que é belo e também de contar a realidade de um povo, através de histórias. Sendo um produto social, histórico e cultural, ela adentra as paredes das escolas, mas ainda precisa ganhar mais espaço no currículo escolar. Atualmente, o ensino de literatura ainda não possui um espaço definido na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias, ou seja, a literatura ainda não é considerada uma disciplina, entretanto, é estudada dentro da língua portuguesa.

A leitura é algo fundamental para o desenvolvimento intelectual e cultural, a leitura literária humaniza, cria homens políticos, democráticos, cidadãos conscientes e engajados no meio em que vive. É por isso, que a escola, como instituição

formadora de pessoas, precisa estar ciente do seu papel quanto a valorização da literatura dentro do ensino.

Além de um campo específico do conhecimento, a literatura ocupa a condição de objeto da história da história, por isso cabe salientar que

quanto à relação da literatura com os objetos de estudo da história – estudo de processos políticos ou econômicos, de mentalidades, do imaginário, de formas de vida, de relações de poder – há uma maior ou menor aproximação dependendo do autor e de seu tema. Há obras que contam histórias muito pessoais e únicas ou histórias fantásticas. Por outro lado, inúmeras obras expressam, através da trama e dos personagens, valores, visões de mundo, pensamentos de grupos sociais, relações sociais e políticas localizadas no tempo e no espaço. (ZECHLINSKI, 2003, p.07)

Diante dessa perspectiva, entende-se que o discurso literário é um possibilidade, uma ótica possível de um determinado período histórico podendo refletir mazelas e problemas sociais pouco compreendidos no presente ou alvo de debates efervescente na contemporaneidade. A literatura é múltipla e diversa e se reelabora e se reinventa de acordo com a abstração e criatividade de quem a manuseia.

Compreende-se que “nada nos chega do passado que não seja convocado por uma estratégia, armado por uma tática, visando entender a demanda de nosso próprio tempo” (MUNIZ, 2007, p.154), por isso, é fundamental ter em mente que a literatura por si só não fala e não é suficiente para compreender um contexto histórico, mas se bem interrogada e bem manuseada pode produzir análises historiográficas fantásticas. Aí está a importância de o historiador saber interrogar e formular perguntas diante do texto literário, pois estes são complexos e requer cautela uma vez que

Os documentos artísticos e literários, em especial, apresentam uma complexidade ainda maior ao serem interpretados pelo historiador. Defrontamo-nos mais claramente com o fenômeno da representação, isto é, da imitação da realidade (mimeses), e, conseqüentemente, com a impressão de realidade que o texto ficcional sugere ao leitor, dependendo de sua natureza, como no caso dos romances realistas e crônicas. (SOARES, 2011, p.797).

Partindo da afirmação acima, é imprescindível que, ao tomar a literatura como fonte histórica é relevante pensar “o documento não é qualquer coisa que fica por

conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. (LE GOFF, 1996, p.545). Assim sendo, a literatura deve ser interpretada considerando-a, como produto de uma sociedade, de um tempo e de um espaço social, uma vez que

em muitas narrativas literárias, através dos personagens são resgatadas vidas do passado ou do presente, porque, mesmo que eles não tenham existido na realidade, representam pessoas reais. Essas histórias pessoais foram construídas dentro de contextos. (ZECHLINSKI, 2003, p.07).

Partindo desse sentido, conclui-se que é nesse caráter narrativo em tom de resgate e denúncia onde reside a riqueza da literatura enquanto fonte histórica e testemunho histórico, pois é a partir disso que é possível compreender características de uma sociedade, analisando questões sociais. Toda narrativa é fruto de uma escolha, de um tempo e de um espaço determinado.

Enquanto testemunho histórico é fundamental contextualizar a produção literária em torno de determinados debates socialmente e culturalmente localizados, analisando-o como elemento construído a partir de um espaço de elaboração. Assim sendo,

é preciso destacar, ainda, que mesmo em histórias fantásticas às vezes é possível perceber uma crítica social ou uma relação com a história. A profundidade reflexiva e o nível de crítica da obra dependem das aptidões do autor. Este, dependendo do tema de seu enredo, precisará pesquisar e investigar tal qual o historiador, para que sua trama faça sentido. (ZECHLINSKI, 2003, p.07).

Considerando tal afirmação, compreende-se que literatura é investida de sentido e significado, por isso toda produção literária pode ser material para debate e compreensão de um dado contexto político, social, econômico e cultural. As páginas literárias são possibilidades de trilhas de todo historiador tomado pelo espírito investigativo e de busca pelo real, pela subjetividade e pelas marcas do humano em períodos distintos.

A linguagem literária é tecida com os fios da essência humana e social, assim eterniza sensibilidades, entendida como “as manifestações do pensamento e do

espírito, pela qual aquela relação originária é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis e contínuos”. (PESAVENTO, 2007,p.10). Desse modo, toda sensibilidade é um produto de um espírito e de uma personalidade que fala a partir de um espaço de poder e de elaboração.

É importante questionar a ideia arraigada de que a literatura está distante da história, uma vez que é fundamental “reconhecer que a linguagem faz parte do labor histórico é conferir-lhe uma dimensão literária, ampliando as definições tradicionais da história e da metodologia histórica”. (ZECHLINSKI, 2003, p.06). Assim, a linguagem é terreno da literatura, mas também da História.

o documento literário não descortina a realidade simplesmente pela função referencial, ou pelos conteúdos mencionados. As dimensões da realidade – que nunca se constituem como um estado homogêneo e fixo, mas são compostas por situações transitórias engendradas por relações sociais, serão apreendidas quando se identifica a posição dos autores frente a essa mesma realidade, assim como as suas perspectivas, desejos de mudança, sentimentos e intenções de agir sobre o tempo presente. (MORAES, 2009, p.06).

Considerado tal pensamento, surge a necessidade de enxergar os limites e as possibilidades da literatura enquanto testemunho histórico no sentido de suas riquezas enquanto fonte histórica. As características que constituem a literatura acenam para os desafios de usá-la como fonte, visto que “nenhum documento é neutro; inversamente, todos os documentos correspondem a uma visão parcial, determinada por grupos sociais, contextos sociais e relações de poder”. (MORAES, 2009, p.06). Nesse sentido, o desafio é tomar a literatura também como produto, construção e articulação de um tempo e de um autor.

O discurso literário é um tecido cultural e, ao falar de cultura, estamos falando de história, já que “a história é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e cultural” (PROST, 1998, p.136). Assim sendo, traz em seu bojo a denúncia de conflitos e tramas sociais e políticas muito cara ao pesquisador.

CAPÍTULO II

A LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA

2.1. Ensino de História e outras linguagens: O caso da Literatura

O movimento de alargamento das fontes históricas promovido pelos *Annales* esteve influências no campo do ensino de História, em função de tal influência foi “possível apreender uma nova configuração do ensino de história. Houve uma ampliação dos objetos de estudo, dos temas, dos problemas, das fontes históricas utilizadas em salas de aula”. (CORREIA, 2012, p. 181). Os professores de história, enquanto estudiosos da área, tendem a se posicionar historicamente para exercer as suas atividades docentes. Assim, passou-se a admitir a ideia que o conhecimento histórico não se resume aos conteúdos propostos no livro didático, apesar ainda de ser grande o seu uso nas escolas.

Paulatinamente, foi sendo incorporado a concepção e o entendimento da importância de se trazer fontes históricas para o estudo em sala de aula, orientado pelo reconhecimento de que “em História, a aprendizagem é orientada para uma leitura contextualizada do passado a partir da evidência fornecida por variadíssimas fontes”. (BARCA, 2006, p. 92)

Na atualidade, um dos maiores desafios entre os professores, no que diz respeito a educação é associar a aprendizagem e o contexto sócio-histórico-cultural, aos processos de ensinar e aprender de forma significativa. O processo de ensino e aprendizagem é uma ação de extrema importância, mas não é segura, no sentido de que não há garantias de que haverá aprendido em meio a um ensino.

Na disciplina de história, é ainda mais complicado falar do processo de ensinar e aprender, uma vez que

em História, não se entende como apreensão de conteúdo apenas a capacidade dos alunos em dominar informações e conceitos de determinado período histórico, mas também a capacidade das crianças e jovens em fazer comparações com outras épocas. (BITTENCOURT, 2009, p.106).

Diante dessa reflexão, sabe-se que é esperado da História enquanto disciplina curricular a capacidade de promover as condições fundamentais para a produção de um conhecimento criativo e ativo, onde os alunos sejam capazes de mobilizar e enxergar significação para a sua vivência.

É cada vez mais notória a necessidade de acontecer na escola e na disciplina de História a produção de um conhecimento dinâmico e não um saber estático. Tal conhecimento é produto do processo de ensino e aprendizagem, onde se dá a construção do conhecimento histórico. Para Adhemar Marques, “a forma como constituímos o conhecimento sobre o passado afeta diretamente a natureza do significado que lhe impomos”. (MARQUES, 2009, p.39). É necessário dar atenção a esse processo, pois é nele que ocorre a elaboração do saber histórico, não só construção como a assimilação por parte do alunado.

Parece haver uma ideia arraigada do que seja o ensino de história, isso precisa ser questionado uma vez que “a história não é algo abandonado, parado na beira de uma estrada ou em uma estação. A história é movimento, transformação, contradição, diferença”. (FONSECA, 2009, p.183). Para melhorar e potencializar a construção do conhecimento histórico, a disciplina de História tem se aproximado de outras linguagens de ensino, entre elas a literatura.

A associação de Literatura e História no ensino se faz a partir da busca pela prática de um ensino de História pautado em “uma leitura contextualizada do passado a partir da evidência fornecida por variadíssimas fontes” (BARCA, 2006, p. 95). Assim, a literatura surge como uma linguagem possível de estudo da História.

A incorporação de novos recursos, linguagens e métodos estão articulados e ligados a forma como se entende o que ensinar e aprender em História, nesse sentido

o uso das obras literárias como uma linguagem alternativa no ensino de história representa as minúcias de uma sociedade, sua leitura pode assumir o papel de uma narrativa histórica, e o mais interessante, podemos abordar as distintas interpretações quando vinculamos ao seu contexto histórico, observando o confronto dos dois tempos, aquele no qual a obra foi escrita e o contexto que se insere o leitor. (SOARES, 2011, p.797).

O texto literário traz para a aula de História a possibilidade de contextualizar os conteúdos estudados, além disso, traz uma vivacidade para as análises acerca

de determinadas sociedades e períodos históricos, onde “a Educação Histórica, que se baseia na literacia histórica como possibilidade de ler o mundo historicamente, compreende como fundamental o uso escolar da fonte documental (CORREIA, 2012, p. 182). A partir disso, no campo conceitual de estudos históricos e educacionais surge a categoria analítica chamada literacia histórica, “que pode ser compreendida resumidamente como uma forma histórica de ‘ler’ o mundo, um raciocínio potencialmente histórico”. (CORREIA, 2012, p. 182).

A literacia histórica passa a ser uma categoria de análise cara para historiadores e pesquisadores da área, sendo necessário cautela ao lidar com esta compreensão uma vez que se compreende a

literacia não como um conceito restrito apenas às competências de leitura e compreensão linguísticas: numa acepção abrangente, poderá falar-se de literacia histórica, tal como de literacia científica, de literacia matemática ou outras. E, no quadro da discussão atual em torno da necessidade de desenvolvimento da consciência histórica, a ideia de literacia surge-lhe associada, enquanto vertente indispensável para que tal desenvolvimento ocorra. (BARCA, 2006, p. 02).

Partindo dessa compreensão, a literacia surge como uma ferramenta que abrange as capacidades de leitura e interpretação, não sendo um domínio restrito ao ensino de língua portuguesa ou ao estudo puramente da literatura. A literacia perpassa assimilação e transformação de saberes na direção da construção de uma consciência histórica sobre determinados fatos e sociedades.

Assim sendo, a literatura surge para a História em um contexto de transformação, demandas e buscas por alternativas metodológicas para o ensino de História. “O estabelecimento deste diálogo foi uma tarefa árdua que implicou em um amplo questionamento das concepções das correntes historiográficas”. (CORREIA, 2012, p. 192). (CORREIA, 2012, p. 192). Vale salientar que esse processo de relação entre História e Literatura envolve contato, experiência e significação e até mesmo ressignificação, pois se o aprender é balizado por signos, sentimentos, emoções e concretudes. É nesses elementos que se guarda a possibilidade de criação e recriação, onde a literatura é “vista pelo historiador como material

propenso a diversas leituras, pela sua riqueza de significados para o universo cultural, dos valores sociais e experiências dos homens e mulheres no tempo”. (CORREIA, 2012, p. 192).

Nessa perspectiva, considerando que o percurso de aprender história envolve o conhecimento de si e do mundo, um dos benefícios da incorporação da Literatura no ensino de história é a capacidade criativa de despertar no alunado a curiosidade e um saber significativo, que não permita um aprisionamento intelectual, pois ele está em constante busca e em constante desejo de se redescobrir a si mesmo e ao espaço ao seu redor, de modo que a escrita literária possui o atributo de instigar este processo de ensino de forma lúdica.

O ensino de História passou e passa por metamorfoses, de caráter teórico, metodológico e conceitual. O próprio ensino de História possui historicidade, uma vez que em cada contexto ele se reelabora segundo as demandas do momento. Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que o conhecimento histórico e o ensino de História transmutaram ao longo dos tempos e está, quase sempre, condicionado ou vinculado a uma concepção ou corrente historiográfica.

Dada as exigências do contexto atual, em termos sociais e educacionais, percebe-se a necessidade de uma metodologia dinâmica que (re)orienta o ensino. Este é um processo difícil, visto que ensinar é complexo por muitos motivos e, principalmente, pelo fato de que o próprio conhecimento, que é matéria do ensino, está, permanentemente, em obra, em constante reformulação, assim não existe verdade e nem saber definitivo.

Portanto, na nossa realidade atual, muitas são as demandas colocadas para o ensino de História. Esse espaço de demandas está marcado entre outras coisas pela exigência de políticas públicas condizentes com as demandas sociais e educacionais de um ensino crítico e ativo.

Sabe-se que “o ensino de História na atualidade deve ser pensado a partir de novos métodos, visto que sua demarcação científica se faz pela prática pedagógica desenvolvida pelo professor ao longo de sua caminhada educacional. (NASCIMENTO, 2013, p.02). Desse modo, unir História e literatura é recriar sentidos sociais, históricos e culturais.

É fundamental que a História, enquanto, disciplina busque a construção de um conhecimento histórico por meio da problematização do vivido e da busca de

elementos explicativos desse vivido no passado, a partir da literatura enquanto possibilidade de problematização dos conteúdos didáticos e uma maior apropriação e significação dos saberes por parte dos discentes.

O ensino de História deve motivar os alunos na compreensão e na busca de novos elementos para que com a mediação do professor possamos aproximar os estudantes de maneira que a prática cartesiana seja substituída por novos modos de ensinar para romper com este paradigma e fortalecer pelo todo, que visa o processo ensino-aprendizagem enquanto construção do conhecimento e não somente o ensino de maneira fragmentada e acrítica. (NASCIMENTO, 2013, p.02).

Ao considerar a reflexão acima, compreende-se que ensinar e aprender em História são processos abrangentes que perpassam muitos meandros. Professor e alunos são atores decisivos nesse processo. Assim sendo, não se pensa aprender sem conhecer e vice-versa, pois aprendizagem e conhecimento se relacionam e se dependem, a tal ponto que um sem o outro é impossível de se verificar na prática, conseqüentemente, a escola se apresenta enquanto “espaço de transformação e emancipação do homem, devendo buscar elementos que contribuam para uma efetiva transformação desses indivíduos enquanto sujeitos e cidadãos, para que possa contribuir de forma positiva nessas transformações sociais.(NASCIMENTO, 2013,p.06).

O ensino e a aprendizagem de História é um cruzamento de fronteiras, resultando no criativo do novo, na conscientização e na apropriação de saberes. Este não é um sistema fechado, mas, sim, múltiplo, recheado de possibilidades. Por tudo isso, estudar História a partir da literatura é uma forma de cruzar saberes e fronteiras, já que a literatura de forma privilegiada permite conhecer os desejos não realizados, os conflitos e tensões sociais, inserindo os personagens em contextos de disputa e relações de poder. (MORAES, 2009, p.07).

Não se pode resumir e nem definir o aprender história dentro de um sistema de repetições e nem tão pouco de tradições, pois dentro desse processo coexistem múltiplos caminhos e possibilidades de se alcançar um saber. No entanto, exercitar essa liberdade não significa lidar com coisas aleatórias dentro do ensino, mas desenvolver um ensino com metodologias que garantam a aquisição e a construção de conhecimentos contextualizados.

2.2. Literatura como recurso didático

A literatura contribui para a compreensão do lugar em que o homem se situa por essência, a sociedade. Mediante sua função simbólica, a literatura permite ao indivíduo a reflexão sobre sua existência e sobre o conjunto de normas e de valores que norteiam a sociedade, permitindo, por sua vez, o desenvolvimento da sua criticidade.

A História e a Literatura respondem as demandas educacionais atuais, uma vez que o objetivo da escola atual é justamente formar cidadãos críticos, pensantes e participativos do seu papel na sua comunidade, bem como no mundo em geral. Nesse sentido, a importância da leitura e da interpretação da literatura é fundamental, por muitos motivos entre eles por ser “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar a linguagem é trabalhar o homem”. (BAMBERGER, 1995, p. 13).

Na disciplina de História a literatura aparece como um pretexto para a discussão de outros conteúdos que não o da própria literatura em si. Diante disso é importante afirmar que

a riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano. (AGUIAR e BORDINI, 1993, p. 17).

Tal assertiva leva a discussão de que a literatura tem um potencial didático muito grande, servindo para inserir o sujeito no contato com muitos e diferentes realidades, oferece subsídios para que ele seja um sujeito crítico e autônomo. A partir do momento que a escola possui uma prática leitora que incentive o aluno a ter uma leitura prazerosa, a literatura irá representar na vida do educando uma janela para o mundo e para si mesmo, de modo que irá transformá-lo e fazer com que ele também transforme o mundo.

Assim, a literatura é múltipla por isso “a literatura se transforma num tipo “facilitador” de outros conhecimentos, os conhecimentos históricos, políticos e sociais também são estudados a partir das obras literárias”. (AGUIAR e BORDINI,

1993,p.35). Diante disso, é relevante acentuar e justificar o lugar da literatura no ensino de História consequentemente a leitura literária na sala de aula torna-se de extrema importância para o desenvolvimento do aluno, bem como do conteúdo exposto pelo docente.

Através da literatura, pode-se estudar formas de viver de determinadas sociedades, fatos históricos e até mesmo mentalidades. Mas, principalmente, ouvir a voz de sujeitos históricos, muitas vezes invisíveis para algumas vertentes da historiografia. A partir disso, é imprescindível salientar que há muitos entendimentos do que sejam sujeitos históricos. Adhemar Marques é claro ao afirmar que: Na medida em que novas maneiras de compreender a história foram surgindo, também a idéia de quem são os sujeitos foi se modificando. (MARQUES,2009, p.39).Muitas transformações vêm ocorrendo na maneira de compreender esse conceito, mas o que prevalece é a ideia de que sujeito histórico são todos nós, todos os homens que a fazem história e estão presentes no meio social.

Assim sendo, a participação da literatura nas aulas de História resulta na capacidade de elaboração de conhecimento histórico a partir da crítica sócia, uma vez que “compreender os significados da obra literária é realizar uma operação de interpretação que articula questões históricas do tempo em que o escritor vive, seu universo ideológico e as opções estéticas, relativas aos códigos linguísticos e literários mobilizados na escritura”. (MORAES, 2009, p.06).

O professor deve ser consciente do seu papel de formador de leitores, mas principalmente do poder significativo e criativo da literatura como ponto de partida para o estudo de outras disciplinas, de modo que compreenda a leitura como objeto de ensino. Para isso, deve criar formas de leituras, com o objetivo de desenvolver no aluno o comportamento leitor, tão necessário e importante para a formação de um sujeito autônomo intelectualmente.

O papel do professor no cruzamento dos conhecimentos históricos e literários é importante já que

quando ensina, o professor produz efeitos para além do próprio ensino e, qualquer que seja o seu estilo, caminha por dentro de uma dupla tensão: de um lado, cultiva, reformula, desenvolve os saberes que legitimam suas práticas educativa e pedagógica; de

outro lado, abdica do que sabe (mesmo que em parte) com o intuito de abrir novos espaços de saber para si mesmo e facilitar, para o outro, a realização do seu próprio movimento, que restitui o que lhe foi expropriado: o reencontro consigo mesmo e com o prazer de aprender. (NUNES, 2012, p.118)

O professor deverá também estar sensível ao elemento humano, seus alunos, e ao meio que os cerca, sua vida fora da escola. De nada adiante, o professor levar um texto de grande prestígio para a literatura, se os alunos não estiverem preparados para aquela leitura naquele momento. E, se o professor carecer de bases teóricas, seja pedagógica e/ou literária, para trabalhar com aquela determinada obra, ainda que os alunos estejam preparados, a aula corre um grave risco de não render os frutos que poderiam suscitar, o que, por fim, resultaria em uma experiência entediante, marcando negativamente os alunos.

Essa sensibilidade de que falamos é resultante da experiência desenvolvida ao longo do tempo na docência. Na maioria das vezes, o professor a adquire com a vivência em sala de aula, somada aos estudos teóricos e as leituras literárias. A troca de experiência e a reflexão sobre o seu fazer docente que o conduzirão na aquisição desse saber, daí a sua necessidade desde a formação docente durante a licenciatura, pois “ensinar a edificar o próprio ponto de vista não significa ensinar as soluções, nem significa mostrar aonde se chegou num determinado momento histórico, nem sequer significa dar explicações sobre como e por que se chegou naquele ponto” (RUIZ, 2003, p.77).

O tempo reservado na sala de aula pelo professor dependerá da metodologia de cada docente, mas modo como se aplica a leitura literária na escola contemporânea precisa de controle e acompanhamento, ou seja, as aulas precisam ser planejadas com base na utilização dos textos literários como um “passaporte” para a habilidade de criar e recriar o mundo e diante disso o desafio “consiste não em saber se é possível fazer isso ensinando História, mas em responder positivamente, com um método adequado, à pergunta sobre como é possível fazer isso, ensinando História”. (RUIZ, 2003, p.78).

CAPÍTULO III

O MULATO, Aluísio Azevedo

3.1.O sentido histórico em Aluísio Azevedo.

O livro *O Mulato*, de Aluísio Azevedo foi publicado pela primeira vez no ano de 1881, sendo uma produção literária, do gênero romance, bastante conhecida no Brasil. A narrativa apresentada nesse livro é ambientada em São Luís do Maranhão em fins do século XIX, apresentando sérias críticas à sociedade em um período bastante subjetivo da história brasileira, as vésperas da abolição da escravidão.

Aluísio Azevedo produziu suas obras a partir do seu lugar de vivência, nascido em São Luís do Maranhão no ano de 1857, onde passou uma boa parte de sua vida. Desse modo, toda a sua produção literária, de algum modo, fala desse seu lugar social, com *O Mulato* não é diferente.

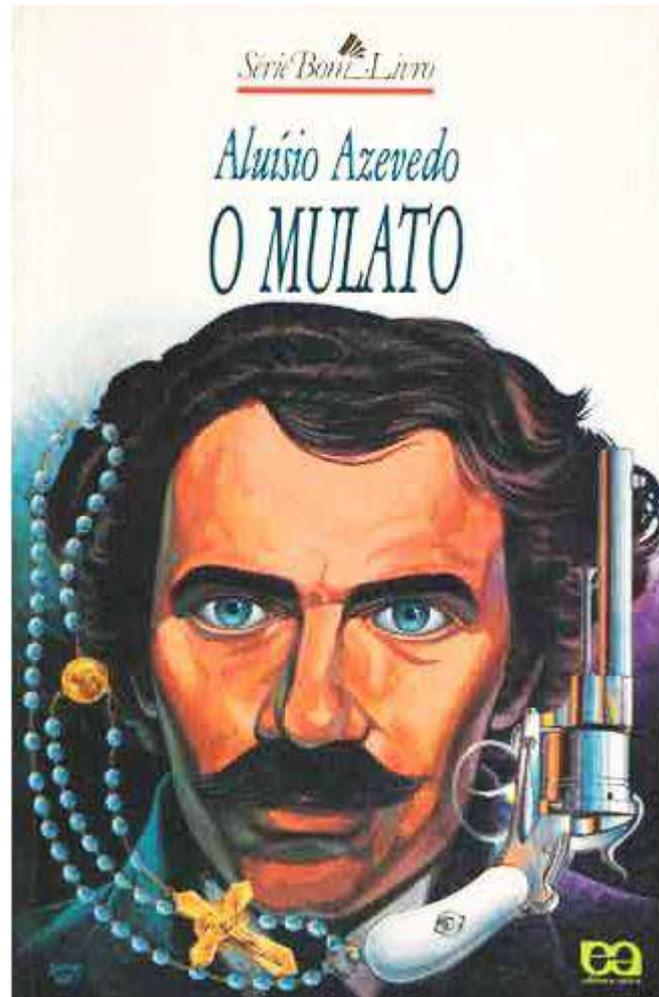
Imagem 01 : Aluísio Azevedo



Fonte: Academia Brasileira de letras

Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia>

Imagem 02 : Foto da capa do livro *O Mulato*, 3ª edição.



Fonte: Editora Ática, Série Bom Livro.

O Mulato apresenta uma história de amor entre dois jovens: Ana Rosa e Raimundo, tal história se desenrola no centro de uma sociedade assolada por preconceitos raciais em uma época de transição da legalidade do trabalho escravo para sua abolição e utilização de mão-de-obra assalariada no Brasil. Assim sendo, o livro ganha tons de denúncia social de mazelas de uma sociedade nos moldes ainda provincianos, contrapondo personagens fictícios a um contexto histórico real e repleto de lutas por conquistas de direitos.

Raimundo, sendo mulato não é um jovem branco, este é o maior abismo que o separa de Ana Rosa, jovem de pele branca pela qual ele se apaixona. Ana Rosa é

filha de Manuel Pedro e Mariana, ambos de pele branca, casados e bem vistos aos olhos sociais. Raimundo é filho de uma escrava chamada Domingas e de um português chamado José Pedro. De acordo com o dicionário Aurélio, mulato é “filho de pai branco e mãe negra, ou vice-versa. Homem escuro”. (AURÉLIO, 2004). Esse termo é escolhido por Aluísio Azevedo para intitular um livro que trata a questão e o preconceito racial no centro do romance e da narrativa. Os pais de Ana Rosa não aprovam o namoro da filha com Raimundo pela origem social e familiar deste e, principalmente, pela cor de sua pele.

Aluísio Azevedo foi um observador das relações sociais de seu tempo e produziu uma literatura engajada com críticas e denúncias sociais das desigualdades no espaço em que viveu, Vejmelka destaca que

com o romance *O mulato*, criticou e denunciou as injustiças da escravidão como também o racismo ‘estrutural’ da sociedade brasileira. A percepção da dimensão social do racismo no romance continua atual e reveladora, mostrando que a concreta cor da pele do ‘mulato’ não é tão relevante como a sua descendência enquanto ‘filho de uma escrava’, um fato que nunca consegue apagar. (VEJMEKKA, 2013, p.401-402).

Nesse sentido, Azevedo está influenciado por um lugar social e histórico, desnudando uma sociedade perpassada por um racismo, tomando este problema como uma estrutura da sociedade de São Luís do Maranhão. Aluísio Azevedo faz um retrato da sociedade brasileira do final do século XIX descrevendo vícios sociais a partir dos personagens da obra.

Em *O Mulato* percebe-se uma forte crítica a grupos sociais abastados, a igreja e a estrutura escravagista, tomando tais aspectos a partir da sociedade brasileira em fins do século XIX. Mas o autor produz a obra a partir do lócus Maranhense, analisando São Luís do Maranhão e conseqüentemente tomando o Estado do Maranhão, então província, conseqüentemente.

Através de personagens e diálogos, Azevedo mostra uma São Luís do Maranhão preconceituosa, racista e hipócrita:

Por outro lado, Maria do Carmo segredava a Amância Souselas: - Pois é o que lhe digo, D. Amância: muito boa preta!... negra como este vestido! Cá está quem a conheceu!... E batia no seu peito sem seios. - Muita vez a vi no relho. Iche! - Ora quem houvera de

dizer!... resmungou a outro, fingindo ignorar da existência de Domingas, para ouvir mais. Uma coisa assim só no Maranhão! Credo. (AZEVEDO, 2003, p.151)

O diálogo acima mostra uma conversa de senhoras, que vêem Raimundo com tom de reprovação, para elas só mesmo em São Luís do Maranhão um mulato pode aparecer socialmente bem vestido e com formação acadêmica. Para as senhoras lugar de mulato é no eito, na senzala e não na convivência com os brancos.

O Mulato enquanto produção literária está historicamente localizado em uma tradição ou escola literária específica, “enquanto representante do naturalismo no Brasil, Aluísio Azevedo não escapa das contradições e aporias características do movimento literário como um todo” (VEJMELKA , 2013, p.403). Sendo um autor naturalista Azevedo oferece destaque as questões humanas com traços de uma preocupação biológica e social, no entanto

dadas as circunstâncias históricas, sociais e culturais, no Brasil essas conflitividades internas do naturalismo ganham urgência particular, por exemplo em diálogo com os discursos raciais e racistas das elites nacionais e no que diz respeito à auto-imagem da nação brasileira em termos socioculturais. (VEJMELKA, 2013, p.403).

Partindo desse pressuposto, é importante destacar que em sua análise, Aluísio Azevedo constrói personagens caricatos, tipos maranhenses de forma intencionada a fim de denunciar o racismo, o preconceito, a hipocrisia e tantos outros desvios de caráter e intolerância.

Ana Rosa	Protagonista do livro, filha de Manuel Pescada e namorada de Raimundo.
Manuel Pescada	Pai de Ana Rosa. Um português preconceituoso e conservador.
Raimundo	Jovem mulato, personagem protagonista. Filho do irmão de Manuel Pescada, José Pedro da Silva, com sua escrava Domingas

Cônego Diogo	Sujeito mentiroso, hipócrita, preconceituoso e responsável pelo assassinato de Raimundo
--------------	---

As denúncias sociais, na obra em questão vêm através da postura e personalidades dos personagens, nesse sentido são importantes destacar o Cônego Diogo:

o grande crápula do livro é o padre Diogo, religioso relaxado: concubino e assassino. Caricaturalmente construída, a figura do religioso desenhada pela pena de Azevedo exagerou os seus traços maléficos: saiu da arma de Diogo o tiro que matou José, o pai de Raimundo, bem como, foi sob sua influência que o caixeiro Dias resolveu assassinar o mulato. (PRECIOSO, 2011, p.06)

Partindo dessa análise, contata-se uma influência anticlerical na narrativa de Aluísio Azevedo, traço que se concentra no trato e apresentação do personagem Padre Diogo. Colocado como hipócrita, mentiroso e desrespeitoso aos votos religiosos do celibato. Além disso, é um preconceituoso nato, sendo o principal responsável pelo assassinato de Raimundo, crime motivado pela intolerância à cor. “Raimundo retira-se desolado e, ao abrir a porta de casa, um tiro acerta-o pelas costas. Com uma arma que lhe emprestara o cônego Diogo, o caixeiro Dias assassina o rival” (AZEVEDO, 2003,p.231). O cônego Diogo é assassino, mentiroso, ardiloso e desumano, através dele Aluísio Azevedo faz uma crítica ao clero do Brasil no século XIX.

O padre é fundamental na construção, junto ao pai de Ana Rosa, da ideia de ser impróprio o casamento de Ana Rosa com um rapaz de cor, como fica claro nas falas e diálogos presentes na obra em questão: “Ora o quê, homem de Deus! Não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? (...) Ora às vezes até me parece tolo! Manuel abaixou a cabeça derrotado” (AZEVEDO, 2003.p.30).

Nesse sentido, na obra analisada é forte “a denúncia da torpeza dos vícios e da hipocrisia sacerdotal, bem como a insistência na influência nociva dos religiosos na sociabilidade de São Luís”(PRECIOSO, 2011,p.06). Essa denúncia é clara e se dá através do Padre Diogo, que se comporta de forma oposta a tudo que prega e até

mesmo aos princípios de sua religião. Ele está no centro do drama vivido pelos personagens.

Padre Diogo tece as tramas e os conflitos, sendo um influenciador chega a questionar o pai de Ana Rosa: “Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? Você queria, seu Manuel, que a Dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? (AZEVEDO, 2003, p.30). O pai de Ana Rosa ainda titubeia sobre a possibilidade de casamento e de aceitação de sua filha com Raimundo, mas recebe os conselhos do Padre para quem Raimundo não passa de um sujeito com uma marca social e uma herança negativa: a cor de sua pele, que pode manchar a linhagem branca de Manuel.

O pai de Ana Rosa é claro em seus motivos e em sua justificativa ao negar o consentimento ao pedido de casamento feito por Raimundo: “Recusei-lhe a mão de minha filha porque o senhor é filho de uma escrava. O senhor é um homem de cor. A família de minha mulher sempre foi escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda sociedade do maranhão” (AZEVEDO, 2003, p.179).

Na obra em questão, fica evidente entre a trama dos personagens “o preconceito de cor, muito apurado na sociedade maranhense do século XIX, tem no livro de Aluísio a sua exata fixação, em termos de narrativa romanesca”. (MONTELLO apud PRECIOSO, 2011, p.9). Tal questão aparece clara no conflito que perpassa a vida de Raimundo, onde vive os obstáculos para seu casamento, com Ana Rosa, que termina com o assassinato deste. Toda a problemática da vida de Raimundo é causada pelo preconceito racial, pela intolerância a sua raça.

Assim, o preconceito racial norteia as atitudes de personagens como Maria Bárbara e Cônego Diogo, opositores ferrenhos à vida e ao progresso de Raimundo. A questão do preconceito se coloca na sociedade maranhense naquele momento de maneira forte e muito associada à questão de cunho biológico relacionado a raça e a linhagem, visto que, nem mesmo a bagagem acadêmica e intelectual adquirida por Raimundo consegue despertar entre pessoas como o Cônego Diogo ímpetos de respeito e reconhecimento. Para estes, mesmo sendo Dr. Raimundo, não se apaga os traços de uma inferioridade que para eles está para sempre na existência de Raimundo, pois está associada ao nascimento e ao pertencimento de sua raça.

3.2. O Mulato nas aulas de História: Nuances da questão racial no Brasil do século XIX.

A produção literária de Aluísio Azevedo em *O Mulato* oferece a possibilidade de análise de muitas características e marcas da sociedade de São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX, conseqüentemente é uma referência importante para analisar questões sociais da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, como por exemplo o preconceito racial que marcou muitos âmbitos da sociedade brasileira nesse período histórico. Por isso, *O Mulato* é uma importante possibilidade de análise e de leitura para as aulas de História, sendo uma possibilidade de trazer documentos e fontes históricas para o estudo em sala de aula.

Pensar *O Mulato* enquanto documento para o estudo histórico nas aulas de história é admitir e reconhecer que “o uso da literatura como fonte histórica nos parece um excelente observatório para a análise das representações que circulavam naquele período” (MAGALHÃES, MOREIRA, STELTER, 2018, p.90). No caso, o livro em questão é um observatório para alunos e professores de muitas representações que marcaram o Brasil em na segunda metade do século XIX.

Percebe-se que “em *O Mulato* é evidente a crítica à condição degradante do escravo e a desmesurada presença de preconceitos raciais. (MAGALHÃES, MOREIRA, STELTER, 2018, p.87). O preconceito é vivo e pulsante: “Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... filho de uma escrava” (AZEVEDO,203,p.179).

Isso se dá em um momento singular da conjuntura escravista no Brasil, pois é um momento onde “a instituição escravista havia perdido boa parte das bases de sua legitimidade” (MAGALHÃES, MOREIRA, STELTER, 2018, p.89). É um período que estão fortes os movimentos abolicionistas, onde o debate e a reivindicação pelo fim da escravidão está forte, além disso já se registra muitos golpes na escravidão como a Lei do Ventre Livre e a Lei Eusébio de Queirós, por tudo isso é um momento de véspera da abolição da escravidão como sugere Magalhães, Moreira e Stelter.

O pertencimento de Aluísio Azevedo a um lugar social, a um espaço de elaboração e a uma escola literária são fatos importantes que podem e devem ser analisados em sala de aula, na aula de História uma vez que

Consciente ou inconscientemente, o autor nos transmite percepções que vicejavam naquele período, já que o seu público só consumiria aquela obra pretensamente realista se percebesse verossimilhança entre o relato ficcional e a vida de seus leitores. (MAGALHÃES, MOREIRA, STELTER, 2018, p.90).

Considerando essa afirmação sabe-se que é importante atentar para o fato que *O Mulato* enquanto produção literária é produto de um tempo e de uma sociedade sendo assim influenciado por tais realidades. E tal fato se faz ainda mais forte em obras realistas e naturalistas, como é o caso de *O Mulato*, que possuem um compromisso e um desejo com a questão da verossimilhança que é o compromisso do autor de inserir nas obras ficcionais a proximidade com o real.

O compromisso com a realidade, a neutralidade do observador e o envolvimento do observador e narrador são questões caras e que causam inquietações para a História e para a Literatura. Cabe discutir que “a História, ao escolher o fato que será narrado, muitas vezes possui conhecimento limitado de uma batalha ou a assinatura de um tratado. Tudo o que compõe o episódio que será narrado é construído pelo narrador-historiador”. (CONFORTO, 2005, p.215).

O historiador convive com muitas situações que, dependendo de seu objetivo, pode se transformar em limite ou então possibilidade. Ele convive com cobranças como utilização de métodos e parâmetros que exigem da História parâmetros de ciências, por isso em alguns casos, alguns historiadores “diferentemente do narrador-literato, procura desaparecer atrás do narrado, dando ao seu texto um cunho científico e, portanto, verdadeiro.

“Outras discussões elegeram a forma de narrar entre a História e a literatura como a diferença entre ambas” (CONFORTO, 2005, p.215). Para o autor da literatura não aparece tanto a preocupação de neutralidade e afastamento pessoal da produção o que pode deixar marcas e sentidos ainda mais claros de uma sociedade, de uma mentalidade e de interesses.

Compreende-se que “o uso da narrativa literária, em sala de aula, apontou uma nova direção na análise do cativo como personagem, além de estabelecer uma relação entre a narrativa literária e o discurso social sobre o escravo no período

histórico abordado: 1844-1888.” (CONFORTO, 2005, p.217). Partindo dessa análise é importante destacar a riqueza de possibilidades oferecidas pelo O Mulato, que constrói perfis diversos e singulares para o escravo, por exemplo, a Escrava Domingas é uma típica representação da forma de ser escrava no período já citado, no entanto Raimundo destoa das representações usuais. Raimundo é filho de Domingas, filho de escravo ele vai estudar fora torna-se advogado, mas a sociedade maranhense não o reconhece como tal, mantendo-o prisioneiro de sua cor traduzido no preconceito e intolerância de Manuel e Padre Diogo.

Na obra o negro sofre um tratamento diferente, isso fica claro ao

Observarmos Maria Bárbara, avó de Ana Rosa, a prima com quem Raimundo manifesta o desejo de casar-se. Ao tomar conhecimento da proposta, brada preferir a neta morta do que casada com um cabra. Complementa dizendo: “e só peço a Deus que me leve o quanto antes, se tenho algum dia de ver, com estes que a terra há de comer, descendente meu coçando a orelha com o pé” (MAGALHÃES, MOREIRA, STELTER, 2018, p.93).

Apesar de primos, sendo que os pais são irmãos, Ana Rosa e Raimundo são vistos como uma união impossível. A família da moça não aceita um sujeito de cor, sente-se como se a família estivesse sendo suja e diminuída. Para a avó de Ana Rosa seu casamento com Raimundo ameaça a superioridade de dignidade da família.

Considerando tal análise percebemos como O Mulato é útil para analisar as formas de ser negro no Brasil em fins do século XIX e as formas de convivência com o negro, sendo possível analisar as muitas formas de convivência com a diversidade de raças no Brasil provinciano. “A convivência escritor e instituição escravista possibilita analisar o deslocamento para o espaço ficcional das tensões, das discussões e dos estereótipos que a instituição escravista gerou na sociedade brasileira (CONFORTO, 2005, p.216). Sendo possível discutir a dificuldade de aceitação do negro como sujeito de direitos, naquele momento.

Nas aulas de História O Mulato pode ser bem utilizado como testemunho de uma época, de um período e de uma sociedade, oferecendo fatos e informações sobre a situação do negro do Brasil no final do século XIX, a respeito da questão racial e do preconceito no período em questão.

O Mulato pode oferecer múltiplas possibilidades para a sala de aula e para o ensino de história. Pode ser usada a leitura completa do livro ou a seleção de

capítulos. A partir disso podem ser organizados debates. O professor pode selecionar temas de discussão como: preconceito racial no século XIX, a situação do negro do Brasil no final do século XIX. A partir disso pode se montar júris simulados com defesa e acusações de argumentos e posições. Além disso, pode ser utilizada a dramatização de partes do livro para posteriormente ser analisado e debatido.

Após a leitura e discussão do livro o professor de história pode solicitar uma espécie de revisão e releitura da obra, onde os próprios alunos construirão novas narrativas inspiradas em *O Mulato* e em temas sociais da atualidade e que afetem seu lugar de vivência. A partir disso podem ser desenvolvidos oficinas e saraus para a apresentação e compartilhamento das produções.

A escola e os docentes podem garantir de forma mais efetiva o diálogo de História e literatura na prática cotidiana do ensino de História, ao realizar projetos interdisciplinares que envolvam o aluno e a família, no grande propósito da leitura, debate e problematização de questões raciais a partir de *O Mulato*. Pode ser construídos roteiros a partir do livro e oficinas de debate, onde cada grupos de alunos podem construir pontos de análise dentro da obra. As oficinas podem ser apresentadas em coletivo, como forma de compartilhar e reelaborar conhecimentos. Enfim, é necessário criar possibilidades de leitura, análise e debate que ultrapassem a sala de aula e a avaliação.

Tudo isso deve ser feito tendo em mente que o livro em questão uma obra produto do século XIX, sabe-se que “a produção literária dos fins do século XIX sofreu enorme influência da revoada de teorias racistas que propagavam as instituições fundantes do pensamento ou da intelectualidade brasileira” (MAGALHÃES, MOREIRA, STELTER, 2018, p.86). O que pode enriquecer as análises e debates em sala de aula, contribuindo para o exercício de um ensino de História significativo e signficante, baseado no debate, análise e construção de um conhecimento a partir da leitura e crítica do texto literário que é histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o texto literário uma construção e um produto histórico ele fala de uma realidade e pode oferecer dados e informações para quem deseja estudar o passado

e uma determinada realidade. Na sala de aula, a literatura pode ser uma grande aliada de professores e alunos, mostrando modos de pensar e viver de uma época.

Aprender e ensinar História perpassa a tessitura de conhecimentos a partir de trilhas e cruzamento de fronteiras, movimentos e ações complexas que exigem posturas dinâmicas e ativas por parte do aluno e do docente.

Assim, o diálogo entre literatura e História nos lembra como o ensino de História é múltiplo, dinâmico e rodeado por possibilidades. Por isso, a literatura pode contribuir muito para evitar que o ensino da disciplina História não seja um sistema fechado, baseado em repetições de informações descontextualizadas e distantes dos alunos.

Desse modo, a literatura deve ser apresentada nas aulas de História como um caminho para o estudo e a compreensão do espaço em que o homem vive e atua por essência, a sociedade. Isso, pois o texto literário traz condições didáticas e intelectuais de reflexão sobre as formas de viver e existir em sociedade, além de explicitar muitas vezes por ironia e crítica normas e valores que baseiam a sociedade.

A literatura tem uma voz forte que rompe silêncios profundos, trazendo e denunciando formas de viver e de pensar de determinadas sociedades, acontecimentos, fatos históricos e até mesmo mentalidades. Por isso, a linguagem literária pode ser porta voz de sujeitos históricos muitas vezes silenciados e invisíveis dentro de algumas abordagens históricas.

Por tudo isso, a relevância do estudo de *O Mulato* nas aulas de história é justificada por ser uma relevante ferramenta de análise e de leitura enquanto documentos e fontes históricas para o estudo da História em sala de aula.

O Mulato é uma obra de grande valia, podendo ser subsídio e suporte nas aulas de histórias, para a discussão do negro no Brasil nas vésperas da abolição. O referido livro traça um panorama rico das relações raciais em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX.

O Mulato é um texto literário assim sendo, é passado, é história, é escolha e é ótica de um ator social em um determinado tempo. Assim sendo suas linhas tecem experiências que auxiliam o estudante a construir um conhecimento histórico vivo, dinâmico e circular que ultrapassa o que é transmitido pelo professor e pelo livro didático, elementos fundamentais nas aulas, mas não únicos e donos do conhecimento total.

O texto da obra *O Mulato* precisa ser apresentado em sala de aula, deve-se ser orientada a leitura, análise e discussão do texto por meio de debates, resumos, resenhas e encenações teatrais, sendo útil para potencializar a discussão sobre a questão racial, as formas de ser negro no Brasil em fins do século XIX, e as formas de convivência com o negro e a sua mobilidade social. Tal reflexão é imprescindível e não pode ser evitada já que esta contribui para a percepção do aluno enquanto sujeito de responsabilidades sociais, individuais e coletivas

O Mulato é linguagem literária, construção, mas também é organização de experiências, de algum modo influenciado por vivências e memórias do autor, elementos fundamentais dentro do Ensino de História, pois ambos participam efetivamente do processo de ensino e aprendizagem auxiliando na formação dos discentes e na construção de suas identidades e subjetividades.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993

BARCA, I. Literacia e consciência histórica. **Educar em Revista**. Curitiba. Especial. Dossiê: Educação Histórica, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A arte de inventar o passado. **São Paulo**, 2007.

BARROS, José Costa D.'Assunção. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 4, n. 8, 2010.

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte: RHJ editora, 2009

CONFORTO, Marília. As relações entre literatura e História como prática pedagógica. **Métis: história & cultura**, v. 4, n. 7, 2005.

CORREIA, Janaina dos Santos. O uso da fonte literária no ensino de história: diálogo com o romance "Úrsula"(final do século XIX). **História & Ensino, Londrina**, v. 18, n. 2, p. 179-201, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1990.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: educação para vida**. Vida e Educação, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006

COSTA, José; BARROS, Assunção. Fontes históricas–revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**, v. 1, n. 12, p. 129-159, 2012.

DINIZ, Leudjane Michelle Viegas et al. **Nas linhas da literatura: um estudo sobre as representações da escravidão no romance O mulato, de Aluísio Azevedo.**Dissertação.Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. In: **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Nova Fronteira: São Paulo, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

MAGALHÃES, Magna Lima; MOREIRA, Paulo Roberto Staud; STELTER, Rafael Eduardo. Produção literária e contexto histórico no século XIX: O Mulato, de Aluísio Azevedo. **Oficina do Historiador,** 2018

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Currículo, Utopia e Pós-Modernidade.**In.:MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Currículo: Questões Atuais: Campinas, SP:Papirus,1997.

MORAES, DislaneZerbinatti. Literatura e história na escola: aprendizagens e desafios mútuos. **Simpósio nacional de letras e linguística; simpósio internacional de letras e linguística.** Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009

PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo mundo mundos nuevos,** n. 6-2006, 2006

_____. Sensibilidades escrita e leitura da alma. In: **Sensibilidade na História: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PRECIOSO, Daniel. HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE O MULATO DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX. **Revista Eletrônica História em Reflexão,** v. 5, n. 10, 2011.

PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (org). **Para uma história cultural.** Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 134-137

NUNES, Clarice. O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula. **Revista Brasileira de História da Educação,** v. 3, n. 2 [6], p. 115-158, 2012.

PRECIOSO, Daniel. HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE O MULATO DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: aspectos das relações “raciais” em São Luís do Maranhão na segunda metade do século XIX. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 5, n. 10, 2011.

RUIZ, Rafael. Novas formas de abordar o ensino de história. In: KARNAL, Leandro. **História na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Tadeu Tomaz Da. **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Cristiane de Souza. Aas representações literárias e o ensino de história: discutindo história pela literatura. **V Colóquio de História: Perspectivas históricas: Historiografia, pesquisa e patrimônio**. UNICAP: Pernambuco, 2011

VEJMELKA, Marcel. O Brasil no espelho de Amaterasu: O Japão de Aluísio Azevedo. **Brasiliana-Journal for BrazilianStudies**, v. 2, n. 2, p. 401-433, 2013.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. História e Literatura: questões interdisciplinares. **História em Revista**, v. 9, n. 9, 2003.